

Organizador  
Roberto Tadeu Ramos Morais

Autoras  
Luciane Maria Wagner Raupp e  
Patricia Fernanda Carmem Kebach

# Todas as cores do saber



O livro “Todas as cores do saber”, é resultado do concurso Pequeno Pesquisador de 2019, realizado nas Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT. A ideia desse evento foi a de fomentar a criatividade das crianças e o interesse pela pesquisa científica, através da criação de ilustrações que geraram os personagens e, portanto, as ilustrações deste livro infantil. Agradecemos, portanto, aos nossos “pequenos cientistas” criativos que contribuíram para que esta estória ganhasse vida!

As seguintes crianças colaboraram com as ilustrações desta obra (elas serão apresentadas em ordem alfabética):

Bernardo Paiva Madeira  
Colégio Santa Teresinha de Taquara-RS

Bruno Lopes Braga  
Colégio Santa Teresinha de Taquara-RS

Cecília Domiciano Moser  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Águas Brancas de Três Coroas-RS

Eduarda Gabriele Valandro de Souza  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Alípio Alfredo Sperb de Taquara-RS

Julia Waschburger  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Rudi Lindenmeyer de Taquara-RS

Ítalla Cibely Prass  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Romilda Sibel Renck de Parobé-RS.

Kettlyn de Oliveira da Silveira  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Hilário Nestor Backes de Igrejinha-RS

Lauren Bombona Helfeinstein  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis de Igrejinha-RS

Lucas Samuel Huhnfleisch Bitelo  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Lajeado de Igrejinha-RS

Maria Clara Bandeira Verschoore Burlamaque  
Colégio Santa Teresinha de Taquara-RS

Nathalia Rezene Neves  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas de Taquara-RS

T633 Todas as cores do saber / organizadores Roberto Tadeu Ramos Morais, Luciane Maria Wagner Raupp e Patricia Fernanda Carmem Kebach. – Taquara, RS: FACCAT, 2021. 20p.

Acesso: [https://www2.faccat.br/portal/?q=todas\\_cores\\_saber](https://www2.faccat.br/portal/?q=todas_cores_saber)  
ISBN 978-65-87502-19-9

1. Feira científica. 2. Educação infantil. 3. Educação fundamental. I. Morais, Roberto Tadeu Ramos. II. Raupp, Luciane Maria Wagner. III. Kebach, Patricia Fernanda Carmem. IV. FACCAT – Faculdades Integradas de Taquara.

Bibliotecária responsável: Tânia Mayer Evangelista CRB-10/1846

Íris estava com um sorriso teimoso no rosto. Não saía dali por nada, desde que soube da notícia na escola: poderia pesquisar sobre o que quisesse: sobre qualquer coisa que quisesse saber.

Almoçou, fez os temas. Tudo com o sorriso teimoso.

Até saiu com ele na hora de seu pontual passeio na beira da praia, munida de seu inseparável caderno secreto, que ela chamava de Senhor Diário de Bordo. De repente, uma nuvem cor de chumbo no céu roubou-lhe o sorriso. Regou-lhe algumas dúvidas que rápido germinaram:

“Como escolher só uma coisa que quero saber?”

“Como é que se faz para pesquisar?”

Cansada com o peso dessas perguntas, Íris sentou na areia fofoquinha, sob o sol manhoso de abril.

Escreveu no Senhor Diário de Bordo:

*“Torres, 01 de abril de 2019. Não, Senhor Diário de Bordo, esse não é o dia da mentira. Hoje é o dia de encarar a verdade mais verdadeira: o que eu quero saber mais do que qualquer outra coisa na vida?”*



Antes que pensasse na próxima palavra, escutou uma voz atrás de si:

- Ora, ora, seria essa uma cientista com seu caderno de campo?

Íris respondeu bruscamente:

- Cientista ou não, ela não fala com estranhos. Ainda mais um estranho estranhíssimo como o Senhor.

- Senhor, não. Senhora Água Viva Curiosa, muito prazer. Então a Senhorita não deve falar sozinha, já que é uma estranha para si mesma. Nem se conhece...

- Como não me conheço? Sou Íris Valentina Poliana de Ecila, 10 anos, aluna do quinto ano...

- E que não sabe o que vai pesquisar – riu-se a estranha.

- Que metida! Leu o que eu escrevi! Espere aí que vou lhe dar uma lição!



A atrevida Água Viva saiu correndo e mostrando a língua para Íris, que a seguia de perto. As duas fizeram tchibum no mar e...

Íris viu-se em uma bolha gigante, que era conduzida por centenas de cavalos-marinhos.. Olhou para o lado e viu a Dona Água Viva Curiosa, acenando-lhe os tentáculos.

Entraram em uma caverna. Dona Água Viva pediu que Íris desembarcasse da carruagem submarina e lhe deu boas-vindas:

- Seja bem-vinda ao Reino do Doctor Empíricus!

Dito isso, a Água Viva desapareceu. Deu no pé. Escafedeu-se.

- Que raio de lugar é esse? - Pensou alto Íris - Quem é esse Doctor Empíricus? E por que aquele golfinho está batendo seu bico contra aqueles corais? Ei, Golfinho, Golfinho! Pare com isso! Você vai se machucar.

- Ic, Ic! É que, ic, ic. Estou com soluço. Ic. Ic.

- E o que machucar seu bico tem a ver com isso? Eu, hein, cada louco...

- O Doctor Empíricus me mandou fazer isso. Disse que passa o soluço de golfinhos. Já curou assim até a minha bisavó, minha avó, minha mãe.

Íris deu risada: onde já se viu uma bobagem dessas? Mas também: onde já se viu golfinho ter soluço? Só nesse Reino do Doctor Empíricus mesmo.



A menina anotou no seu Diário de Campo:  
“Golfinhos têm solução?”.

- Pergunta para o Doctor Empíricus. Olha ele chegando aí - Disse a Dona Água Viva.

- Mas é uma xereta mesmo! Bastou eu abrir meu Diário para a Senhora reaparecer.

Nisso, o Doctor Empíricus interveio:

- Que confusão é essa no meu Reino?

- Doctor Empíricus, apresento-lhe Íris, a menina que tem mais dúvidas do que cores no seu cabelo.

- Dúvidas? Que bobagem, Dona Íris. Dúvidas são coisas que dão e passam.

Íris quis responder, mas Dona Água Viva já foi arrancando-lhe o Diário de Bordo das mãos:

- E ela até anota aqui. Não é hilário?

- Ho, ho, ho. - Riu-se Empíricus. Vejamos o que temos aqui. Bem, bem. A Senhorita não sabe o que pesquisar. Para que esse trabalho todo? Isso é coisa para aqueles seres estranhos que habitam laboratórios. Vou lhe dar um exemplar da minha autobiografia e a Senhorita só copia e me apresenta ao seu mundo. Simples e prático.

- Com todo o respeito, Senhor Empíricus... - Começou a menina.

- Senhor, não, Doctor. - Atalhou Empíricus.

- Desculpe, Doctor Empíricus. Gostaria de apresentar Vossa Majestade ao meu mundo, mas creio que copiar seu livro não seja, de fato, uma pesquisa.

Empíricus e Água Viva riram muito. Que bobinha, por que não copiar o que já estava feito? Como viram que ela daria muito trabalho, acharam melhor encaminhar o caso para o Secretário particular do Doctor, Sr. Pipi.



- Agradeço muito a ajuda, mas quero voltar para casa.

Doctor Empíricus, muito vermelho, ordenou:

- A senhorita só sairá daqui depois de ter concluído seu tema de casa, ou seja, depois de me tornar famoso para o mundo inteiro! Hahahahaha! Íris achou bom não brigar com ele. No caminho até a sala do Sr. Pipi, entretanto, anotou no Diário de Bordo:

“Não vou pesquisar sobre o Doctor Empíricus porque acho que não tem a mínima importância. Não sei muito como se pesquisa, mas certamente não se copia um livro”.

O Sr. Pipi era um cara bem bacana e simpático. Íris não entendeu como um inseto vivia em um reino no fundo do mar sem ser almoçado pelos peixes. Mas ela também estava respirando no fundo do mar: estavam, então, empatados.

- Sr. Pipi, preciso sair daqui, mas não quero pesquisar sobre o Doctor Empíricus. Ele falou que eu preciso completar meu tema de casa, que eu devo fazer uma pesquisa sobre qualquer coisa que eu queira muito saber. Mas não sei nem como é que se faz uma pesquisa.

- Menina, então você já tem o seu problema.

- Vários, né?

Íris fez aquela sua cara de impaciente, virando os olhos para cima. Outro maluco, pensou.

- Não, não sou maluco. E você não pensou alto. Sua cara disse tudo. Não dê ouvidos ao Doctor Empíricus. Seu problema é: “como se faz uma pesquisa?”

- Você não espiou meu Diário de Bordo, espiou?

- Não, não espiei. Mas, cá para nós, Diários de Bordo são para serem mostrados, né?

- Por quê? São minhas anotações...

- Para todos saberem como foi que você chegou às conclusões da sua pesquisa.

- Boa ideia, Sr. Pipi.



- Muito obrigado, mas essa ideia já existe há muito, muito tempo. Íris anotou:

**“Problema: como é que se faz uma pesquisa?”**

- Aposto que o Doctor Empíricus falou que era só copiar a autobiografia dele, né? - Riu-se Sr. Pipi.

- Isso mesmo, Sr. Pipi.

- Ele não tem jeito. Vou apresentar a você algumas pessoas que podem te ajudar a como fazer uma pesquisa e a sair daqui.

- Mas eu não vou pesquisar em livros? E nos sites?

- Claro que sim, Íris. Mas esse é só um modo de pesquisar. Existem outros, como essa entrevista que você está fazendo comigo.

Íris franziu a testa: nem sabia que estava entrevistando Sr. Pipi, isso não lhe pareceu muito científico. Anotou:

“Entrevistar pessoas é uma forma de pesquisar. Mas elas precisam saber por que estão sendo entrevistadas e concordar com isso. E deve haver perguntas pensadas antes da entrevista. Já pensou chegar na frente do entrevistado e só dizer ‘Oi, tudo bem?’”

- Venha comigo, Íris, vamos encontrar o DNAlto.

Os dois foram caminhando por uma bela estrada pavimentada com enormes conchas amarelas. Pipi distraiu-se em umas algas coloridas, e Íris seguiu pulando de concha em concha, até que chegou a uma encruzilhada e constatou a falta do companheiro. Pensou alto:

- E agora, por onde sigo?

- Qualquer caminho é caminho quando não se sabe para onde ir. -

Respondeu uma criatura que a observava.

No susto, Íris deixou cair o Senhor Diário de Bordo de dentro de sua mochila. A Água Viva Curiosa, que acompanhava tudo às escondidas, aproveitou a distração da menina e anotou:

“Uma pesquisa precisa ter um objetivo geral e objetivos específicos, Íris, Era isso que queriam lhe dizer com ‘qualquer caminho é caminho quando não se sabe para onde ir’”.

Valendo-se de sua transparência, a Água Viva Curiosa devolveu o caderno à mochila de Íris, enquanto ela conversava com a estranha criatura:

- Que susto. Quem é você?

- Por quem você procura?

- Por um tal de DNAlto.

- E o que você quer com ele?

- Saber como se faz uma pesquisa.

- E por que você quer saber como se faz uma pesquisa?

Normalmente, Íris não responderia tantas coisas a um estranho. Mas ele parecia desafiá-la com essa história de ela não saber para onde ela iria.

- Por dois motivos, aliás, três: tenho uma pesquisa para fazer na escola, sou uma baita duma curiosa e quero fazer muitas pesquisas na minha vida. Ah, e também porque pesquisas são importantes porque são elas que fazem a humanidade avançar. Pronto.

- Muito bem. Então a Senhorita já tem uma parte importante de seu projeto: a justificativa.

- Projeto, como assim, “projeto”? Quem é você para dizer que eu tenho que ter um projeto?

- Claro que precisa de um projeto, planejar como será sua pesquisa. Se não, qualquer caminho é caminho...

- “Quando não se sabe para onde ir”. Eu sei, eu sei. Já ouvi essa frase antes. E o senhor trate de citar suas referências.

A criatura riu, estendeu sua mão e apresentou-se: era o DNAlto. Mas Íris estava muito ocupada anotando no Diário de Bordo - tão ocupada que sequer notou a letra diferente na mesma página.



“Uma pesquisa precisa ter um projeto antes de ser iniciada. No projeto, deve haver a justificativa do tema a ser pesquisado”.

- E o tema, o problema, as hipóteses, os objetivos, a metodologia, a fundamentação teórica, o cronograma e os recursos. Ufa!!! - Disse Pipi, reencontrando a amiga.

- Nossa, é só eu abrir o caderninho e já vêm os curiosos. Mas vamos por partes. Eu até desconfio que sei o que é um objetivo. Mas daí vem essa história de objetivo geral e de objetivos específicos...

- Íris, um objetivo geral é uma ação que você precisa fazer para resolver seu problema, respondeu DNaldo

- Por exemplo, se você quer saber como se faz uma pesquisa, seu objetivo geral é compreender como se faz uma pesquisa. Simples, né? - Comentou Pipi.

- Grande coisa. E os específicos?

- Simples também: objetivos específicos são outras ações menores que você tem que fazer para chegar compreender bem direitinho. - Explicou DNaldo.

- Como assim?

- Por exemplo, saber o que é uma pesquisa, entender cada passo de uma pesquisa, conhecer técnicas de coleta de dados... Entendeu, Íris? Tudo isso fará você chegar ao objetivo geral, respondendo o problema da sua pesquisa.

- Puxa, é muito mais divertido do que eu pensava. Parece que vou virar detetive.

- Todos riram. DNaldo olhou com atenção o diário de bordo de Íris. Achou bom que visitassem o Sr. Faccátomo, que os ajudaria a colocar tudo em ordem e a voltar para casa.

- É só seguir a estrada das ostras azuis. Ele mora lá perto dos peixes-bois. Pipi pediu o Diário de Bordo emprestado para também fazer suas anotações

Íris, não se esqueça que fazer saídas de campo pode ser parte de uma pesquisa.

No caminho azul, DNaldo, Pipi e Íris conversaram bastante. Focaram sobre o Doctor Empíricus, é verdade. Riram quando lembraram que ele achava que pesquisa era coisa só de laboratório e que poucas pessoas poderiam fazer. Nisso, a Água Viva Curiosa, zombeteira, revelou-se a eles:

- Eu estou seguindo vocês o tempo todo! Vocês nem me viram!

Os outros três se zangaram com a Água Viva. Pipi até tentou se justificar:

- Eu reconheci a sua caligrafia no Senhor Diário de Bordo, Dona Água Viva Curiosa. Mas levantei a hipótese de você ter escrito antes. E transparente do jeito que você é... - Então você levantou uma hipótese errada, Pipi - Interrompeu DNaldo.

Ísis franziu a testa:

- Hipótese?

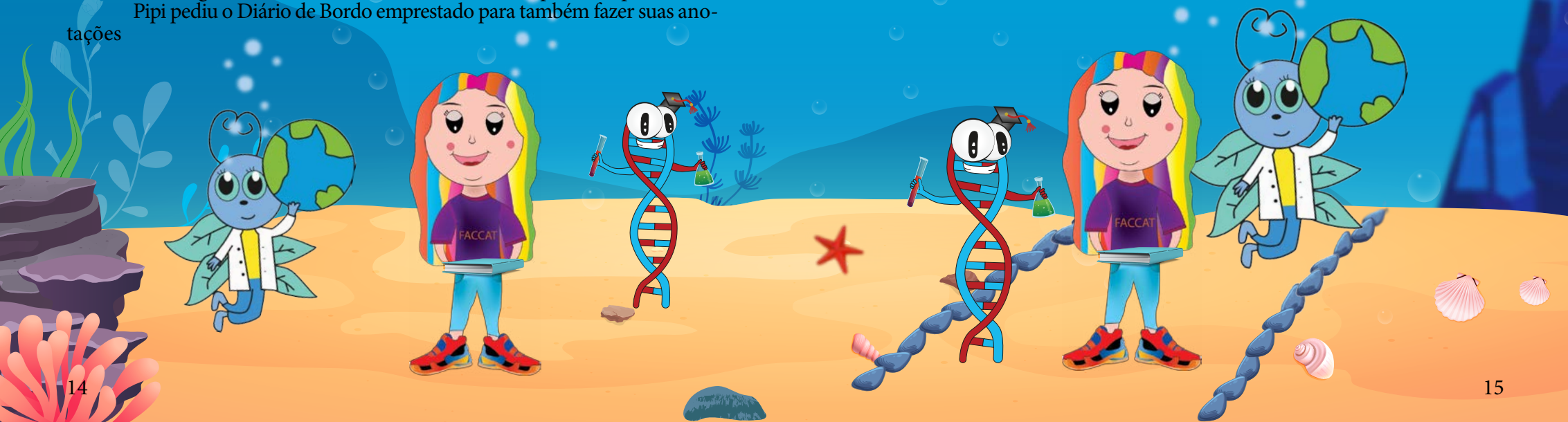
- Sim, Ísis, hipótese. O Pipi viu algo diferente no Senhor Diário e teve uma ideia de como isso foi parar lá. Mas a ideia dele não se confirmou

- Explicou DNaldo.

- Isso é porque eu sou muito boa em disfarce - Gavou-se a Água Viva. Se eu não fosse tão esperta, talvez ele pudesse levantar uma hipótese que se confirmasse.

- Com todo o respeito, Dona Água Viva - disse Pipi - a Senhora é insuportável.

- Muito obrigada, Pipi. Sou mesmo. Adoro.





O Sr. Faccátomo morava em um lugar bacana, com um jardim cheio de relógios de todos os tipos e de todos os materiais. Recebeu o trio de braços abertos:

- Sejam bem-vindas! Sejam bem-vindos! Sabem que horas são?
- Hora de colocar a conversa em dia e os pensamentos em ordem, amigão! Disse DNAlto, abraçando Faccátomo. Essa é a Íris. Ela ainda não sabe, mas já é uma grande pesquisadora.
- Ora, ora, e vejo que tem seu Diário de Bordo e tudo! E que cabelos! De todas as cores! De todas as cores do saber!

- Sim - disse Pipi. E chegamos na hora do chá.

Os quatro sentaram-se para o chá da tarde. Na parede ao fundo, havia uma estante carregada de livros, livros e mais livros. Eram parte de suas fontes de pesquisas bibliográficas, conforme ele mesmo fez questão de explicar:

- Eu tenho muito amor pelos meus livros. Eles são o primeiro lugar em que me abrigo quando quero descobrir algo novo. Preciso ver se alguém já não pensou nisso antes, me informar sobre o assunto.
- Sr. Faccátomo contou suas histórias de feiras de iniciação científica. DNAlto lembrou:
- Eu sempre quis fazer um daqueles vulcões que apareciam nas feiras escolares dos filmes. Nunca fiz para uma feira, mas só para brincar em casa. Não tinha um problema para resolver com ele, nem hipóteses. Era só por causa dos filmes mesmo.
- É, mas eu já acho que toda curiosidade é um motivo nobre. - Opiniou Pipi.



- Isso mesmo - reforçou Faccátomo - não se faz pesquisa só para ganhar prêmios nas feiras. O que vale é o que se aprende fazendo.

Divertiram-se muito. Entre risos, chá e bolinhos, Íris foi anotando tudo no seu caderno: pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica, entrevistas, pesquisa qualitativa, pesquisa quantitativa. Nossa, era muita coisa. Só anotando mesmo no seu querido Diário de Bordo tudo o que faz parte da metodologia de pesquisa.

Quando o chá acabou, Íris, sobressaltada, lembrou:

- Minha nossa, preciso voltar para casa! E agora, como faço?

- O Doctor Empíricus quer ver a pesquisa sobre ele pronta, disse Pipi.

DNAldo falou:

- Relaxem, já são seis horas. A essa hora, o reino pode desabar que o Doctor Empíricus não sai da frente da TV assistindo à novela. Vou chamar a carruagem:

DNAldo deu um assovio e, de imediato, chegaram os cavalos marinhos com a carruagem.

Os três habitantes do Reino do Doctor Empíricus abanaram para Íris:

- Boa sorte na sua pesquisa! E não deixe que nenhum Empíricus a atrapalhe.

- Desejou Faccátomo.



- Agora você já sabe como fazer. Pode pesquisar o que quiser. - Lembrou Pipi.

- Boa viagem e não se esqueça de nós. - Recomendou DNAldo. Como ela poderia esquecê-los?

De volta à praia, notou que sequer estava molhada. Mas seu Diário estava ali, repleto de anotações.

Voltou para casa e pôs-se a escrever a história daquele reino que visitara. Não sabia se era de verdade, mas todos precisavam conhecê-lo. O que sabia mesmo é que pesquisar era uma aventura da qual todos precisavam e poderiam participar.





MESTRADO  
DESENVOLVIMENTO  
REGIONAL



**FACCAT**

APOIO

**UNICRED**   
REGIÃO DOS VALES